

11ª Jornada Iniciação Científica Anais 2016

Anais da XI Jornada de Iniciação Científica

Fundação  Casa de Rui Barbosa

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Roberto Freire

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Presidente

Marta de Senna

Diretor Executivo

Ricardo Calmon

Diretor do Centro de Pesquisa

Antonio Herculano Lopes

Diretora do Centro de Memória e Informação

Ana Lígia Silva Medeiros

Chefe do Setor de Editoração

Benjamin Albagli Neto

Comitê Institucional do Programa de Iniciação Científica da Fundação Casa de Rui Barbosa

Eliane Vasconcellos (Coord.)

Laura do Carmo

Tânia Dias

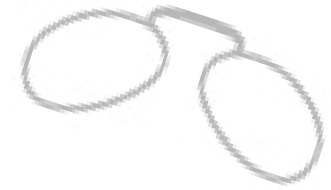
Revisão

Patrícia Baroni

Projeto Gráfico e Diagramação

Renata Duarte





Ficha Catalográfica

Fundação Casa de Rui Barbosa. Programa de Iniciação Científica.

Anais da XI Jornada de Iniciação Científica / Fundação Casa de Rui Barbosa, Programa de Iniciação Científica – Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016.

79 p.

ISBN: 978-85-7004-351-1

1. Iniciação científica. I. Jornada de Iniciação Científica (11. : 2016 : Rio de Janeiro, RJ). II. Título.

CDD 001.2

11ª Jornada de Iniciação Científica

Programação

10h – Abertura – Palavras do comitê institucional do Programa de Iniciação Científica – Eliane Vasconcellos (Coordenadora), Laura do Carmo e Tânia Dias.

Mesa: História e Letras

Avaliadora externa: **Lúcia Grinberg (Unirio)**

Moderadora: **Ivana Stolze Lima**

10h10 – Glaziou, o paisagista do Império: uma revisão

Bolsista: **Alyne Fernanda Cardoso Reis (Arquitetura e Urbanismo/Unisuam)**

Orientadora: **Ana Pessoa**

10h20 – Casas senhoriais do século XIX: pontos de contato entre as artes

Bolsista: **Bárbara Teixeira Prieto (Letras/UFF)**

Orientadora: **Ana Pessoa**

10h30 – A imagem como dado: uso, representação e sistematização no site A Casa Senhorial

Bolsista: **Lucas Elber Cavalcanti (Composição de Interior/EBA-UFRJ)**

Orientadora: **Ana Pessoa**

10h40 – Os africanos livres e as práticas de comunicação no Rio de Janeiro imperial

Bolsista: **Juliana Santos de Lima (História/Feuduc)**

Orientadora: **Ivana Stolze Lima**



11ª Jornada de Iniciação Científica

10h50 – Obra nova da língua geral de mina (Ouro Preto, 1741): uma comunicação entre africanos e com africanos

Bolsista: **Cristiane da Rosa Elias (História/Uerj)**

Orientadora: Ivana Stolze Lima

11h – Hipólito da Costa e a circulação de ideias no Brasil

Bolsista: **Bryan Trannin Bayne (História/UFF)**

Orientadora: **Isabel Lustosa**

11h10 – As crônicas de Rubem Braga em *Diretrizes* (1938-1939)

Bolsista: **Yuri Barbosa Resende (História/UFRJ)**

Orientadora: **Joëlle Rouchou**

11h20 – Os anti-Rui Barbosa: a obra e a atuação política de Alcindo Guanabara

Bolsista: **Yan da Mota Campos (História/Unirio)**

Orientador: **Christian Lynch**

11h40 – Corina, uma mulher do seu tempo

Bolsista: **Mariana Beltrami Ayrão Rocha (História/UFF)**

Orientadora: **Eliane Vasconcellos**

11h50 – 12h30 – Debate: Consultor Externo



11ª Jornada de Iniciação Científica

12h30 – 14h – Intervalo para almoço

Mesa: Centro de Memória e Informação

Avaliador externo: **Tânia Bessone (Uerj)**

Moderadora: **Leila Estephanio de Moura**

14h – O trabalho de gerenciamento ambiental na FCRB e no MCRB: perspectivas e ações tomadas

Bolsista: **Gabriela Lúcio de Sousa (Conservação e Restauração/UFRJ)**

Orientador: **Edmar Gonçalves**

14h10 – O acervo de Antonio Gontijo de Carvalho

Bolsista: **Martina Benassi (Arquivologia/UFF)**

Orientadora: **Leila Estephanio de Moura**

14h20 – Tipologia documental na família Barbosa de Oliveira

Bolsista: **Camilla Campoi de Sobral (Arquivologia/Unirio)**

Orientadora: **Lúcia Maria Velloso de Oliveira**

14h30 – O folheto de cordel e sua diversidade temática: uma análise da indexação e do acervo de cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa

Bolsista: **José Luiz Costa Sousa Gonçalves (Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação/UFRJ)**

Orientadora: **Ana Lígia Medeiros**



11ª Jornada de Iniciação Científica

14h50 – Sistema integrado de informações para a preservação do patrimônio cultural
Bolsista: Mariana Freitas de Andrade (História/UFRJ)
Orientadora: Claudia Carvalho

15h-15h20 – Debate: Consultor Externo

Mesa: Direito e Políticas Culturais
Avaliadora externa: **Míriam Alves de Souza (UFF)**
Moderador: **Charles Gomes**

15h30 – O Conselho Nacional de Cultura a partir da atuação de Paschoal Carlos Magno
Bolsista: **Taísa Diniz Laurindo dos Santos (Produção Cultural/IFRJ)**
Orientadora: **Lia Calabre**

15h40 – Ariano Suassuna no Conselho Federal de Cultura (1967-1973)
Bolsista: Pablo Ferreira de Lima (Belas Artes/UFRRJ)
Orientadora: **Lia Calabre**

15h50 – O Conselho Federal de Cultura e o projeto das Casas de Cultura
Bolsista: **Leandro Porto Leal (História/UVA)**
Orientadora: **Lia Calabre**



11ª Jornada de Iniciação Científica

16h – Plano Colômbia, “Guerra às Drogas” e o deslocamento forçado de pessoas em território colombiano
Bolsista: **Matheus Sousa Marques (Relações Internacionais/UFF)**
Orientadora: **Angela Facundo Navia**

16h10 – A perseguição baseada no gênero e o reconhecimento do refúgio
Bolsista: **Leda Stopazzolli (Direito/UFRJ)**
Orientador: **Charles Gomes**

16h20 – Africanos são os outros: transitoriedade de refugiados subsaarianos no Egito
Bolsista: **Letícia Oliveira de Santanna (Relações Internacionais/Universidade Estácio de Sá)**
Orientador: **Charles Gomes**

16h30 – 16h50 – Debate: Consultor Externo

17h – Palestra de encerramento: “Sinhá e nhãnhã ondem ficá danada... Pois que fique!... Quero a minha liberdade!”: mestiçagem e emancipação feminina na *Capital Federal* de Arthur Azevedo – **por Júlia Lanzarini (mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio, professora de História da Escola Alemã Corcovado, e ex-bolsista de iniciação científica da Fundação Casa de Rui Barbosa)**



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Alyne Fernanda Cardoso Reis
Curso/Instituição
Arquitetura e Urbanismo –
Unisum
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
Glaziou, o paisagista do
Império: uma revisão
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto 2014 a julho 2016

Glaziou, o paisagista do Império: uma revisão

Introdução

O *site Glaziou, o paisagista do Império* busca valorizar e divulgar pesquisas e estudos sobre o paisagismo, documentando o surgimento de um novo contexto urbano, no século XIX, a partir da biografia e da trajetória profissional do francês.

Auguste François Marie Glaziou nasceu em 30 de agosto de 1833 em Lanion, Bretanha. Veio para o Brasil e aqui permaneceu até 1897. Durante sua estada em nosso país, ocupou os cargos de diretor-geral de Matas e Jardins da Casa Imperial e de inspetor dos Jardins Municipais e integrou a Associação Brasileira de Aclimação, no âmbito da qual realizou a implantação de parques e jardins de modelo inglês, deixando sua marca por meio dos caminhos sinuosos, dos recantos pitorescos, de árvores de diversas espécies e de grutas, entre outras características.

O *site* foi estruturado em quatro seções: “Resumo biográfico”, “Cronologia das realizações”, “Principais projetos do paisagista” e “Referências”, que reúne indicações de outros *sites*, livros, artigos e documentos, que serviram de base para o desenvolvimento do *site*.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Alyne Fernanda Cardoso Reis
Curso/Instituição
Arquitetura e Urbanismo –
Unisum
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
Glaziou, o paisagista do
Império: uma revisão
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto 2014 a julho 2016

Objetivos

O projeto tinha a finalidade de revisar e atualizar o *site Glaziou, o paisagista do Império*, da Fundação Casa de Rui Barbosa, e é compreendido pelas seguintes fases: 1) Revisão e atualização de *links* com artigos, livros e *sites* relacionados ao tema; 2) Elaboração de ementas para as fontes divulgadas (livros, artigos, teses e *sites*); e 3) Revisão e ampliação da cronologia.

Foram realizadas pesquisas junto ao Arquivo Nacional, ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e à Biblioteca Nacional, a fim de reorganizar as informações, acrescentar referências bibliográficas e ampliar o elenco de jardins documentados no *site*.

Metodologia

1. Leitura e fichamento das bibliografias que estão no *site*.
2. Visita a jardins elaborados por Glaziou: Campo de Santana, Quinta da Boa Vista e Museu Mariano Procópio.
3. Tratamento de fotografias e mapas e levantamento fotográfico em acervos (Biblioteca Nacional, Arquivo da Cidade e Nacional).
4. Participação em cursos e palestras.
5. Participação em *workshops*, congressos e eventos relacionados a Jardins Históricos.
6. Participação no Encontro de Gestores de Jardins Históricos.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Alyne Fernanda Cardoso Reis
Curso/Instituição
Arquitetura e Urbanismo –
Unisum
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
Glaziou, o paisagista do
Império: uma revisão
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto 2014 a julho 2016

Conclusões

Ao fim de dois anos de pesquisa, é possível categorizar o primeiro ano como dedicado à revisão dos materiais já disponíveis no *site*, ao levantamento de toda a bibliografia pertinente e à pesquisa que comprovasse a veracidade dos materiais já disponíveis no *site*. Veja-se como exemplos a correção da data de chegada de Glaziou ao Brasil e a inserção de mais um projeto do paisagista, a Chácara São Clemente.

Já o segundo ano foi dedicado à coleta de dados sobre obras em logradouros públicos e jardins residenciais que comprovassem ser Glaziou o autor deles, como a praça Tiradentes, o largo de São Francisco de Paula e os jardins das princesas Isabel e Leopoldina.

Após todos os documentos, pesquisas e fontes assegurados, a divulgação dessas obras é para reconhecimento da importância da salvaguarda de jardins históricos ao público através do *site*: *Glaziou, o paisagista do Império*.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Alyne Fernanda Cardoso Reis
Curso/Instituição
Arquitetura e Urbanismo –
Unisum
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
Glaziou, o paisagista do
Império: uma revisão
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto 2014 a julho 2016

Referências bibliográficas

BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: Unesp, 2005.

BRASIL, Gerson. *História das ruas do Rio*. 4. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965.

DUARTE, Claudia Brack. *Plano de gestão para o Campo de Santana: subsídios e considerações*. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Prourb, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TERRA, Carlos G. *Os jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado*. 2. ed. Rio de Janeiro: EBA, UFRJ, 2000.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Bárbara Teixeira Prieto
Curso/Instituição
Letras – UFF
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
A casa senhorial: anatomia de interiores
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Casas senhorias do século XIX: pontos de contato entre as artes

Como bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa, tive como funções revisar textos, realizar transcrições, elaborar cronologias, formatar um sítio eletrônico e fazer pesquisas em órgãos públicos, como o Iphan e a Biblioteca Nacional, para o projeto *A casa senhorial: anatomia de interiores*, coordenado pela pesquisadora Ana Maria Pessoa dos Santos. O projeto conta com cinco participantes, entre os quais me incluo.

O trabalho de transcrição foi o que demandou mais tempo e delicadeza, uma vez que foi realizado a partir de manuscritos do século XIX, os inventários das casas, que contavam com borrões e uma caligrafia bastante difícil de distinguir.

Objetivos

O projeto consiste em estudar e descrever as seguintes casas senhoriais, todas localizadas no estado do Rio de Janeiro: Palacete São Cornélio, Casa da Hera, Pavilhão São Cornélio, Vila Ferreira Lage (Mariano Procópio), Chalé do Parque São Clemente, Palacete Eduardo Guinle, Casa do Mordomo e Casa do Barão de Icarai. Essas casas ainda serão visitadas mais vezes, para que possamos reunir mais informações sobre elas e, assim, detalhar as análises delas.

O projeto pretende, ainda, inserir outras casas no escopo da pesquisa, como a Mansão Tavares Guerra, que se encontra em Petrópolis.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Bárbara Teixeira Prieto
Curso/Instituição
Letras – UFF
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
A casa senhorial: anatomia de interiores
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

As seguintes casas senhoriais já se encontram no sítio do projeto e estão prontas para serem acessadas pelo grande público: Casa da Hera, Casa da Marquesa de Santos, Casa de Rui Barbosa, Palacete Guinle, Palácio do Catete, Palácio Imperial, Quinta da Boa Vista, Solar do Jambeiro e Vila Ferreira Lage. As informações a respeito dessas casas contidas no sítio da pesquisa são constantemente revisadas e foram formatadas pela presente bolsista.

Metodologia

A escolha das casas analisadas no âmbito do projeto foi feita pela coordenadora geral, Ana Pessoa, e a sua escolha baseou-se no estado de conservação em que se encontra cada uma das casas.

A fim de divulgar trabalho do projeto e as casas senhoriais, foi desenvolvido um sítio eletrônico, vinculado ao da Fundação Casa de Rui Barbosa, cujo endereço é: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasa-senhorial>. Nele constam informações sobre cada uma das casas senhoriais, como, arquiteto, ano de construção, enquadramento urbano, fachadas, cronologia de proprietários e referências bibliográficas.

Para estudo e posterior divulgação, visitamos essas casas, tiramos fotos de seus interiores, escrevemos os textos referentes a cada um dos cômodos e demos ênfase a alguns aspectos relevantes, como: estuque, pintura decorativa, decoração diversa, azulejaria e equipamento móvel.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Bárbara Teixeira Prieto
Curso/Instituição
Letras – UFF
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
A casa senhorial: anatomia de interiores
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Conclusão

A elaboração das cronologias é feita com base na maior quantidade possível de documentos, dentre eles, inventários, jornais e livros. Essa atividade exige toda a atenção, já que é fundamental que as datas da cronologia estejam corretas, para que seja garantida a acuidade das informações.

Por tudo isso, a participação neste projeto está sendo de grande importância para mim, tanto no que diz respeito aos estudos diretamente relacionados à pesquisa e ao desenvolvimento de um novo conhecimento, quanto no que se refere ao desenvolvimento da escrita, já que o contato com o texto é diário.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Bárbara Teixeira Prieto
Curso/Instituição
Letras – UFF
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
A casa senhorial: anatomia de interiores
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Referências bibliográficas

BRAGA, Theodoro. *Artistas pintores no Brasil*. São Paulo: São Paulo Editora, 1942.

CAMPOFIORINO, Quirino. *A missão artística francesa e seus discípulos: 1816-1840*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1983. (História da Pintura Brasileira no Século XIX, 2).

JONES, Owen. *Gramática do ornamento*. São Paulo: Senac, 2010.

MOUTINHO, Stella; PRADO, Rúbia Bueno. *Dicionário de artes decorativas*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

TELLES, Augusto C. da Silva. Vassouras: estudo da construção residencial urbana. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 16, 1968.



Bolsista
Lucas Elber de Souza
Cavalcanti
Área/Instituição
Composição de Interior /
EBA-UFRJ
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
A casa senhorial: anatomia de
interiores
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

A imagem como dado: uso, representação e sistematização no site “A casa senhorial”

O projeto *A casa senhorial: anatomia dos interiores* contempla, dentre as suas atividades, a descrição arquitetônica de edifícios residenciais da elite lusitana e brasileira. Contando com 35 casas em sua base de dados, das quais 25 são portuguesas, e 10 brasileiras, a pesquisa dedica-se, neste momento, ao estudo de mais sete casas senhoriais brasileiras. Esse levantamento é auxiliado por fotografias, plantas e desenhos, que contribuem para uma sensível análise sobre os modos de vida e o cotidiano doméstico das famílias senhoriais.

Assim, o objetivo deste trabalho é discutir o uso da imagem como valor e ferramenta que facilita a visualização das características arquitetônicas exploradas no âmbito do projeto; e, ainda, descrever a normatização e a sistematização desses dados.

Considerando que as imagens são unidades informacionais dotadas de discursividade e que encaminham conhecimentos sobre determinados assuntos, podemos entendê-las, também, como dados. Logo, plantas e fotografias constituem os dados imagéticos gerados pelo projeto de pesquisa e nos servem como pistas para desvelar a vida privada da elite dos séculos XVII, XVIII e XIX, nos territórios lisboeta e carioca. A imagem, enquanto ferramenta, opera permitindo a criação de modelos de representação.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Lucas Elber de Souza
Cavalcanti
Área/Instituição
Composição de Interior /
EBA-UFRJ
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
A casa senhorial: anatomia de
interiores
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Nesse sentido, no projeto *A casa senhorial*, a dualidade dado/representação, experimentada pelo elemento imagem, é uma das estratégias adotadas para discutir o senso estético, artístico e arquitetônico dos grupos de elite no período mencionado acima. Essa estratégia contempla desde dados obtidos sobre a época da construção até as releituras feitas pela equipe, a partir de incursões in loco.

A seleção das imagens pondera tanto saberes técnicos (resolução, exposição, saturação, contraste etc.) quanto relevância historiográfica e arquitetônica. Sendo assim, foi estabelecido um banco de dados para as imagens tratadas, as quais foram catalogadas, categorizadas e renomeadas, atendendo aos critérios do sistema online de organização de dados e imagens, notadamente os do *site A casa senhorial*.

Até o presente momento, foram tratadas 442 imagens, que correspondem às casas e aos elementos decorativos analisados pelo projeto. O tratamento respeita o critério pré-definido pelo *site* do projeto, segundo o qual as informações são organizadas a partir da entrada correspondente a cada casa senhorial.

No *site*, a apresentação das casas é organizada por pisos e divisões, em que são exibidas pinturas decorativas, equipamentos móveis, estuques e decoração diversa. Além dos elementos de decoração, também são apresentadas a tipologia, a composição e a morfologia arquitetônica de cada residência.

Deste modo, cada imagem selecionada e tratada recebe uma normatização que referencia a casa, em primeira instância; o cômodo do qual é desenvolvimento, seguido do tipo de decoração em que se inclui; o profissional responsável pelo tratamento; e, finalmente, a ordem sequencial em que a mesma aparece no *site* do projeto.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Lucas Elber de Souza
Cavalcanti
Área/Instituição
Composição de Interior /
EBA-UFRJ
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
A casa senhorial: anatomia de
interiores
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Todo esse processo, que consiste na transposição de um elemento imagem-representação em um elemento imagem-dado, tem por finalidade extrair vestígios das vivências da alta sociedade luso-brasileira. Conclui-se, assim, que no projeto *A casa senhorial* as imagens consolidaram-se como estratégia fundamental para o desenvolvimento da metodologia de pesquisa, auxiliando no desnudamento do programa distributivo das residências, de modo a investigar a estética, os costumes, os modos de vida e os aspectos socioculturais relacionados às elites brasileira e portuguesa ao longo dos últimos séculos.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Lucas Elber de Souza
Cavalcanti
Área/Instituição
Composição de Interior /
EBA-UFRJ
Orientador
Ana Pessoa
Projeto
A casa senhorial: anatomia de
interiores
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *Sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FLUSSER, Vilém; CARDOSO, Rafael; ABI-SÂMARA, Raquel. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

_____. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2007.

JONES, Owen. *A gramática do ornamento*. São Paulo: Senac, 2010.

MALTA, Marize. *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MALTA, Marize; MENDOÇA, Isabel Mayor Godinho. *Casas senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*. Rio de Janeiro: EBA, UFRJ, 2014.

MEYER, Franz Sales. *Manual de ornamentación*. Barcelona: Gustavo Gili, 1994.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Os africanos livres e as práticas de comunicação no Rio de Janeiro imperial

Bolsista
Juliana Santos de Lima
Curso/Instituição
História – Feuduc
Orientador
Ivana Stolze Lima
Projeto
Conhecimento, registro e uso
das línguas africanas no Brasil:
a língua de Angola e a língua
Mina
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

A partir da análise de anúncios de jornais, buscamos entender o período da proibição do tráfico de escravos no Brasil, e mais especificamente entender o surgimento de uma categoria jurídica denominada africanos livres. Posteriormente à lei de 1831, muitas embarcações trouxeram ilegalmente africanos, que não eram escravos, mas precisavam trabalhar por 14 anos para estarem aptos para “viver sobre si”. O presente trabalho tem por objetivo principal articular o peculiar *status* de livres atribuído aos africanos com a questão das práticas de comunicação construídas por eles, visto que apesar de todos os obstáculos, os africanos livres compartilharam e interagiram com diversas pessoas daquela sociedade, dentre escravizados, livres e libertos. Ao focalizar os africanos livres, este trabalho busca assim complementar uma pesquisa já finalizada (LIMA, 2012) sobre escravos africanos e crioulos e as questões da nacionalização linguística no mesmo contexto histórico.

Temos coletado anúncios sobre fugas de africanos livres, do periódico *Diário do Rio de Janeiro*, e inserido as informações recolhidas em uma base de dados, criada pela orientadora para esse fim. As informações sobre escravos fugitivos disponibilizadas na base têm contribuído diretamente com essa pesquisa, possibilitando estabelecer comparações entre os usos da língua portuguesa, quer por escravos, quer por africanos livres. Especificamente, coletamos e inserimos as seguintes informações sobre 177 africanos livres: nação, procedência, idade, cor, características físicas, marcas corporais, ofícios exercidos pelos africanos, tutor, vestimenta, além de indícios sobre os usos e apropriações da língua portuguesa.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Juliana Santos de Lima
Curso/Instituição
História – Feuduc
Orientador
Ivana Stolze Lima
Projeto
Conhecimento, registro e uso
das línguas africanas no Brasil:
a língua de Angola e a língua
Mina
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Duas características nos têm chamado a atenção: a baixa idade desses africanos livres, que têm em média 7 a 18 anos, e a compreensão da língua portuguesa. A captura de crianças por esse período do tráfico ficou muito evidente nesse conjunto de dados. A grande maioria é composta por jovens e crianças. No que tange à compreensão da língua podemos dividir em duas grandes categorias: boçais, aqueles que ainda não tinham o domínio da linguagem, e ladinos, aqueles que já possuíam a habilidade linguística. Extraímos informações que descrevem a habilidade linguística dos africanos como: meio boçal, ainda boçal, muito boçal, inteiramente boçal, aqueles que não sabem falar quase nada de português, entre outros. Outros anúncios contêm informações sobre africanos livres ladinos, que falam bem, intitulam-se crioulos, e são bem-falantes. Encontramos também características psicológicas que nos permitem saber o tipo de fala: descansada, sofredamente, atrapalhada, embaraçada/desembaraçada, com mansidão, apressada, gago. Procuraremos analisar a relação entre a idade dos africanos, suas nações, entre outros dados e suas práticas linguísticas.

Em alguns casos, conseguimos perseguir a trajetória do africano livre através de suas consecutivas fugas, africanos que se destacam por sua coragem, petulância e inteligente. Henrique, Paulo, Virgolino, Francisco, Baptista, Olegário, são apenas alguns dos nomes cujas histórias tem chegado até nós através dos anúncios. A título ilustrativo, conseguimos perceber que Henrique ao longo de suas fugas construiu mecanismos para compreender as cores, os símbolos e as marcas do mundo no qual estava inserido, este africano não só aprendeu o idioma, mas também criou estratégias para ludibriar o sistema, seja trocando de nome para Joaquim, intitulado-se forro ou andando calçado.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Juliana Santos de Lima

Curso/Instituição
História – Feuduc

Orientador
Ivana Stolze Lima

Projeto
Conhecimento, registro e uso
das línguas africanas no Brasil:
a língua de Angola e a língua
Mina

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

A análise desses anúncios tem mostrado que para além de uma demanda de ordem estatística, é possível reconstruir, através de trajetórias como essas, os usos da linguagem nesta sociedade. Conseguimos perceber como as redes de sociabilidade, e a estruturação de novas experiências eram desembocadas por meio da aquisição das habilidades linguísticas que auxiliaram a comunicação entre os africanos e permitiram estabelecer conexões com outros agentes desta cena.

Referências bibliográficas

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DIÁRIO do Rio de Janeiro. Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

LIMA, Ivana Stolze. Escravos bem falantes e nacionalização linguística no Brasil: uma perspectiva história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, v. 25, n. 50, p. 352-369, 2012.

LIMA, Ivana S. e CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional 2: diáspora africana*. Rio de Janeiro: Faperj: Nau, 2014.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Do que o preto mina é capaz: etnia e resistência entre africanos livres. *Afro-Ásia*, Salvador: Edufba, n. 24, p. 71-95, 2000.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Cristiane da Rosa Elias

Curso/Instituição
História – Uerj

Orientador
Ivana Stolze Lima

Projeto
Conhecimento, registro e uso
das línguas africanas no Brasil:
a língua de Angola e a língua
Mina

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Agosto 2015 a julho 2016

Obra nova da língua geral de mina (Ouro Preto, 1741): uma comunicação entre africanos e com africanos

Este trabalho busca o aprofundamento histórico dos usos das línguas africanas faladas na América Portuguesa e, conseqüentemente, seu registro como fonte histórica. Meu trabalho desse ano é o acúmulo dos três anos de pesquisa pensando a comunicação africana na colônia e as relações sociais envolvidas. Por comunicação com africanos entendemos as ações de autoridades e outros agentes que buscavam formas de contato e domínio senhorial (LARA, 2002). E por comunicação entre africanos buscamos refletir sobre as diferentes formas de sociabilidade e resistência criadas pelos mesmos.

Utilizamos para isso o vocabulário manuscrito do século XVIII intitulado *Obra nova da língua geral de mina* (1741), formulado por Antônio da Costa Peixoto (c.1703-c.1763) para entendermos o uso da língua geral de mina no Brasil. Trata-se de um vocabulário de um conjunto de línguas atualmente designado como línguas gbe (CASTRO, 2002), da região do Golfo do Benim, ou Costa da Mina (CALDEIRA, 2013). Tal obra é de extrema relevância, pois aponta a tentativa de estabelecer uma comunicação com os escravizados dessa região, nos permitindo compreender como se deu o tráfico dos falantes dessas línguas, seu uso na região de mineração no Setecentos e as relações sociais entre os africanos, descendentes e os demais grupos da sociedade colonial.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Cristiane da Rosa Elias

Curso/Instituição
História – Uerj

Orientador
Ivana Stolze Lima

Projeto
Conhecimento, registro e uso
das línguas africanas no Brasil:
a língua de Angola e a língua
Mina

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Agosto 2015 a julho 2016

Usamos como metodologia nesse trabalho a transcrição do manuscrito, a comparação com edição impressa (1944/1945), sua análise e a busca do seu contexto histórico, em um momento de grande fluxo de africanos vindos da Costa da Mina, de altos lucros para Portugal e de desenvolvimento na colônia. Os autores Aryon Rodrigues e Yeda de Castro nos ajudaram a compreender os aspectos linguísticos da obra. Procuramos também explorar as informações sobre o autor e entender como ele chegou a elaborar sua obra, questionando que contatos ele teve com os escravos.

A análise da obra mostra o cotidiano daquela sociedade, a relação entre o escravo e o senhor, tanto no espaço doméstico como na mineração. Aparece também a visão dos escravizados em relação à cultura religiosa dominante. Mostra ainda todo o ambiente de tensão entre os senhores e os escravos presentes nos diálogos construídos pelo autor, que tratam de fugas e quilombos, tão presentes naquele contexto (RAMOS, 1996).

Como proposta de encerramento desses três anos de pesquisa, estamos construindo um vídeo sobre o vocabulário de Costa Peixoto para circulação na internet como uma forma mais acessível e simples de ter um conhecimento científico e complementar ao escolar. O conhecimento dessa obra e sua divulgação fazem parte do nosso diálogo com as leis 10.649/03 e 11.645/08 referentes ao estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Cristiane da Rosa Elias
Curso/Instituição
História – Uerj
Orientador
Ivana Stolze Lima
Projeto
Conhecimento, registro e uso
das línguas africanas no Brasil:
a língua de Angola e a língua
Mina
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto 2015 a julho 2016

Referências bibliográficas

- CALDEIRA, Arlindo Manuel. *Escravos e traficantes no Império Português*. Lisboa: Esfera do Livro, 2013.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.
- LARA, Sílvia. Linguagem, domínio senhorial e identidade étnica nas Minas Gerais de meados do século XVIII. In: ALMEIDA, M. V. (Org.). *Trânsitos coloniais*. Lisboa: ICS, 2002.
- LIMA, Ivana S.; CARMO, Laura do. *História social da língua nacional 2: diáspora africana*. Rio de Janeiro: Nau: Faperj, 2014.
- PEIXOTO, Antônio da Costa. *Obra nova da língua de geral de Mina*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1945.
- RAMOS, Donald. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do século XVIII. In: GOMES, Flavio dos Santos; REIS, João José. (Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 164-192.
- RODRIGUES, Aryon. *Obra nova da língua geral de mina: a língua ewe nas Minas Gerais*. *Papia*, n. 13, p. 92-96, 2003.



11ª Jornada de Iniciação Científica

RODRIGUES, José Honório. A vitória da língua portuguesa no Brasil colonial. *Humanidades*, Brasília, v. 1, n. 4, jul./set. 1983.

Bolsista
Cristiane da Rosa Elias
Curso/Instituição
História – Uerj
Orientador
Ivana Stolze Lima
Projeto
Conhecimento, registro e uso
das línguas africanas no Brasil:
a língua de Angola e a língua
Mina
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto 2015 a julho 2016



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Bryan Trannin Bayne
Curso/Instituição
História – UFF
Orientador
Isabel Lustosa
Projeto
De Hipólito a Evaristo:
imprensa, circulação de ideias
e ação política no
Primeiro Reinado
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Hipólito da Costa e a circulação de ideias no Brasil

Introdução

As atividades de pesquisa acerca do tema “De Hipólito a Evaristo” tiveram início em agosto de 2015, sob a tutela da professora Isabel Lustosa. Os dois bolsistas selecionados foram Bryan Trannin e Afonso Mallecha. Quando iniciamos, a professora Lustosa estava escrevendo uma biografia de Hipólito da Costa, desta forma, as atividades de pesquisa concentraram-se em sua figura.

Contudo, no dia 28 de novembro de 2015, Afonso desligou-se do programa. Em função disto, a velocidade das pesquisas reduziu-se. Optou-se por continuar o foco na vida de Hipólito da Costa e deixar de lado as outras pesquisas sobre Evaristo da Veiga e Henri Plasson.

Identificaram-se documentos de interesse e, se disponíveis *online*, estes eram transcritos e traduzidos para o português, no caso de estarem em língua estrangeira. Importantes documentos acerca do requerimento de cidadania britânica feito por Hipólito foram descobertos no National Archives do Reino Unido. Consultaram-se também os acervos do Arquivo Nacional, da Biblioteca Nacional, do Arquivo Histórico do Itamaraty, dentre outros.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Bryan Trannin Bayne
Curso/Instituição
História – UFF
Orientador
Isabel Lustosa
Projeto
De Hipólito a Evaristo:
imprensa, circulação de ideias
e ação política no
Primeiro Reinado
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Objetivos

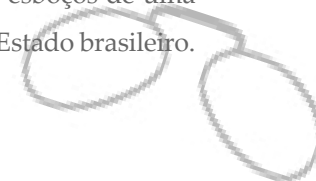
Estudar a imprensa do período da Independência como um ambiente de circulação de ideias e de práticas políticas que propiciaram a emergência de atores decisivos para os rumos que a organização do Estado deviria seguir.

Metodologia

Pesquisa de caráter interdisciplinar, que contempla abordagens das áreas de ciência política, história e literatura, ancorada em fontes secundárias que possibilitem uma boa compreensão do contexto em que se produziram os impressos analisados bem como a trajetória política de Hipólito da Costa.

Conclusões

A extensa rede de contatos de Hipólito da Costa, fruto de suas ligações maçônicas e de seu ofício como jornalista, muniram-lhe com significativa influência política no período estudado. A sua correspondência com figuras como José Bonifácio e Paulo Fernandes Viana explicita o seu papel extraoficial nas negociações com a Inglaterra para o reconhecimento da Independência do Brasil. O *Correio Braziliense* contribuiu definitivamente para a circulação de uma série de ideias, que incluem desde os primeiros esboços de uma identidade nacional, até planos para a criação de uma série de serviços públicos pelo futuro Estado brasileiro.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Bryan Trannin Bayne

Curso/Instituição
História – UFF

Orientador
Isabel Lustosa

Projeto
De Hipólito a Evaristo:
imprensa, circulação de ideias
e ação política no
Primeiro Reinado

Fonte de financiamento
FCRB

Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Referências bibliográficas

COSTA, Hipólito José da. *Correio Braziliense*, Londres: W. Lewis, Paternoster, n. 145-173, 1820 a 1822.

COSTELLA, Antonio F. *Os biógrafos de Hipólito da Costa*. São Paulo: Observatório da Imprensa, 2003.

LUSTOSA, Isabel. *His royal highness e mr. da Costa*. São Paulo: Observatório da Imprensa, 2003.

Referências documentais

COSTA, Hipólito José da. [Carta] 30 de julho de 1823 para DE CRUZ, Antônio Gonçalves. Filadélfia, 2 páginas. Lata 222, maço 3, pasta 12, pasta Antônio Gonçalves de Cruz, o Cabugá, Cônsul da Bolívia.

COSTA, Hipólito José da. [Carta] 4 de agosto de 1823 para DE CRUZ, Antônio Gonçalves. Filadélfia, 2 páginas. Lata 222, maço 3, pasta 12, pasta Antônio Gonçalves de Cruz, o Cabugá, Cônsul da Bolívia.



11ª Jornada de Iniciação Científica

As crônicas de Rubem Braga em *Diretrizes* (1938-1939)

Fundada por Antônio José de Azevedo Amaral, a revista *Diretrizes* foi publicada durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, surgindo em 1938 e sobrevivendo até 1944. Durante seus dois primeiros anos o periódico foi mensal e, a partir de então, se tornou semanal. Com o subtítulo “Política, economia e cultura”, *Diretrizes* tinha por essência pensar o Brasil em seus mais diversos aspectos apresentando um caráter nacionalista e progressista crítico aos governos de extrema direita que dominavam a Europa no período.

Dentre os diversos intelectuais que contribuíram em *Diretrizes*, estão nomes como Raquel de Queirós, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Joel Silveira, Moacir Werneck de Castro, Álvaro Moreira e Genolino Amado. Em meio a tantos autores importantes presentes na revista, destaca-se neste artigo o cronista Rubem Braga, cujas crônicas foram publicadas no periódico entre abril de 1938 e outubro de 1939 na seção intitulada “O homem da rua”.

O objetivo desta pesquisa é analisar a revista *Diretrizes* a partir do estudo dos diversos assuntos abordados por Braga em suas crônicas mensais e a relação destes textos com o contexto político-social não apenas nacional como também internacional. Para a realização deste trabalho foram utilizados essencialmente os exemplares de *Diretrizes* do período em questão.



Bolsista
Yuri Barbosa Resende
Curso/Instituição
História – UFRJ
Orientador
Joëlle Rouchou
Projeto
Diretrizes: um espaço de
resistência na imprensa do
Estado Novo (1938-1944)
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Yuri Barbosa Resende

Curso/Instituição
História – UFRJ

Orientador
Joëlle Rouchou

Projeto
Diretrizes: um espaço de
resistência na imprensa do
Estado Novo (1938-1944)

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Conforme Marco Antonio de Carvalho apura na biografia Rubem Braga: um cigano fazendeiro no ar, Rubem Braga e Samuel Wainer se conheceram por frequentarem lugares comuns aos que eram adeptos do movimento antigetulista. Com 25 anos de idade, quando começou a colaborar em *Diretrizes* em 1938, Braga participava ativamente das reuniões de pauta no apartamento de Wainer e de sua esposa, Bluma, em Copacabana, sendo um dos responsáveis por ajudar a revista a chegar até a incrível tiragem de 4 mil exemplares mensais. A participação de Braga no periódico se encerrou quando o cronista partiu para Porto Alegre em 1939, após se envolver com a esposa de Samuel. Bluma engravidou, mas optou por não ter o filho. O casamento com Wainer conheceu o seu fim pouco depois.

Rubem Braga passeava com desenvoltura por assuntos que refletiam o cenário brasileiro da época e também o tenso clima internacional que antecedia a Segunda Guerra Mundial. Dentre os temas escolhidos por Braga para suas crônicas em 1938, encontramos referências às duas tentativas de golpe por parte dos integralistas; à falta de credibilidade dos jornais brasileiros; à convivência de intelectuais com os governos – seja no Brasil ou em outras partes do mundo; ao avanço do fascismo na Europa e de seus líderes como Hitler, Mussolini e Salazar; ao imperialismo alemão e sua crença da supremacia ariana; e, por fim, a questões sociais como a situação calamitosa na qual o Rio de Janeiro se encontrava toda vez que era atingido por fortes chuvas.

Com a saída de Azevedo Amaral do comando de *Diretrizes* no final de 1938, Rubem Braga parece ter se sentido mais à vontade sob a direção de Wainer para fazer críticas mais contundentes aos regimes autoritários na Europa e ao próprio Estado Novo do Brasil.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Yuri Barbosa Resende
Curso/Instituição
História – UFRJ
Orientador
Joëlle Rouchou
Projeto
Diretrizes: um espaço de resis-
tência na imprensa do Estado
Novo (1938-1944)
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

As crônicas de Braga demonstram perfeitamente – principalmente no ano de 1939 – a técnica adotada pela revista para driblar o DIP: a partir de comentários sobre a política internacional, os colaboradores poderiam fazer comparações com o que os brasileiros viviam aqui no país. Rubem, que não nutria qualquer tipo de simpatia pela figura de Vargas ou por regimes de direita, fez um belíssimo uso dessa estratégia ao problematizar os cenários políticos existentes na Europa e até mesmo nos países vizinhos do Brasil na América.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Marco Antonio de. *Rubem Braga: um cigano fazendeiro no ar*. São Paulo: Globo, 2007.

DIRETRIZES: política, economia e cultura. Rio de Janeiro, 1938-1944. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diretrizes/163880>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

ROUCHOU, Joëlle. Azevedo Amaral, *Rubem Braga e Álvaro Moreira nas páginas de Diretrizes (1938-1939)*. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1722-1.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Os anti-Rui Barbosa: a obra e a atuação política de Alcindo Guanabara

Na série de estudos dedicados àqueles que criticaram a atuação política de Rui Barbosa, a presente pesquisa fixou-se nas atividades de jornalista e político desenvolvidas por Alcindo Guanabara nas duas primeiras décadas da República. A escolha de Guanabara se justifica na medida em que, tendo sido um importante jornalista da capital federal, esteve quase toda a vida no campo político oposto àquele em que se encontrava Rui Barbosa. Além disso, Guanabara permite perceber como, sob a capa de um republicanismo decidido, ocultava-se, na verdade, uma transformação do antigo conservadorismo monárquico. A pesquisa sobre Guanabara parecia promissora porque permitiria investigar se, além da oposição banal entre Monarquia e República, não haveria outra, nada banal, entre conservadorismo e liberalismo, com os sinais invertidos: o conservadorismo associado à república e o liberalismo, à monarquia, de forma explícita ou implícita.

Uma vez que Rui não permitiria comprar a hipótese de modo cabal, em um primeiro momento, tendo em vista ser um liberal que manteve uma porção ambígua sobre o regime de governo, achou-se por bem investigar inicialmente os artigos publicados no período por Joaquim Nabuco, um liberal democrata como Rui que, no entanto, manteve-se explicitamente monarquista. Para Nabuco, o crescimento do republicano não se dera por expansão do ideal democrático, mas pelo ressentimento da oligarquia escravista contra a monarquia por seu empenho na abolição da escravidão. Nabuco serviu assim de perfeito antípoda de Guanabara na medida em que defendia uma monarquia liberal democrática quando o jornalista fluminense, ao contrário, postulava por uma República conservadora.



Bolsista
Yan da Mota Campos

Curso/Instituição
História – Unirio

Orientador
Christian Lynch

Projeto
Os anti-Rui Barbosa: a obra e
a atuação política de Alcindo
Guanabara

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Agosto 2015 a julho 2016.

11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Yan da Mota Campos

Curso/Instituição
História – Unirio

Orientador
Christian Lynch

Projeto
Os anti-Rui Barbosa: a obra e
a atuação política de Alcindo
Guanabara

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Agosto 2015 a julho 2016.

Na segunda parte da pesquisa, dedicada a levantar discursos parlamentares e artigos de jornal, foi possível opor de modo mais definido a atuação de Guanabara contra Rui, que foi quase uma constante na vida dos dois. Nos últimos anos da monarquia, o futuro deputado fora, como redator do jornal *Novidades*, um acendrado defensor da ala mais retrógrada do Partido Conservador, liderada pelo conselheiro Paulino de Sousa e seu primo, o financeiro Belisário de Sousa. Como tal, criticara acerbamente a campanha federalista exaltada promovida por Rui à frente do *Diário de Notícias*, sustentando, ao contrário, o gabinete do Visconde de Ouro Preto. Sob a República, enquanto Rui opunha-se à ditadura militar do marechal Floriano, Alcindo, já deputado, deu-lhe o mais decidido apoio, como homem de ordem que se orgulhava de ser. No governo Prudente de Moraes, ao longo do qual o presidente buscava fazer a transição para o regime civil, com o apoio de Rui, Guanabara cerrou fileiras, ao contrário, ao lado de Francisco Glicério e dos demais antigos apoiadores de Floriano. Quando Campos Sales sobe ao poder e promove uma grande coalizão para pacificar a cena política e promover o saneamento das finanças nacionais, Guanabara adere ao novo presidente e faz-lhe o panegírico em um livro chamado *A presidência Campos Sales*. Rui, por sua vez, passa todo o quadriênio na oposição. Mais adiante, prossegue a oposição a Rui ao sustentar publicamente a candidatura Hermes contra a civilista, capitaneada pelo ilustre baiano. Estas são impressões iniciais que merecem, seja como for, um aprofundamento da pesquisa, na forma de uma análise mais detida do material já levantado.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Yan da Mota Campos

Curso/Instituição
História – Unirio

Orientador
Christian Lynch

Projeto
Os anti-Rui Barbosa: a obra e
a atuação política de Alcindo
Guanabara

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Agosto 2015 a julho 2016.

Referências bibliográficas

COMÉRCIO DE SÃO PAULO. São Paulo, 1893-1909.

GUANABARA, Alcindo. *A presidência Campos Sales*. Brasília: Ed. Ssetec, 2005.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1890.

LYNCH, Christian. *O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n85/a08n85.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

O PAÍS. Rio de Janeiro, 1884-1934.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Mariana Beltrami Ayrão Rocha

Área/Instituição
História – UFF

Orientador
Eliane Vasconcellos

Projeto
Modos e Modas, Usos e Costumes

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Dezembro 2015 a julho 2016

Corina, uma mulher do seu tempo

Introdução

A investigação que venho realizando com a orientação da profª. drª. Eliane Vasconcellos se concentra no reconhecimento e análise de textos escritos em periódicos por Corina Coaraci, uma escritora pouco conhecida, já que não deixou nenhum livro publicado, embora, na sociedade carioca do final do século XIX, tenha figurado como uma mulher reconhecida e admirada por seus diversos talentos.

A pesquisa proporcionou, por meio dos artigos de Corina, uma melhor compreensão da sociedade da época, principalmente no que concerne à questão da mulher. Em seu folheto “Modas e Modos, Usos e Costumes”, no periódico *A Folha Nova*, Corina aconselha moças e senhoras sobre como se vestir, como se portar, como vestir seus filhos e como educá-los. Seus escritos, deste modo, constituem uma ferramenta de pesquisa que ajuda a entender a sociedade carioca do final do século XIX. Além disso, por meio de sua obra, Coaraci constrói-se como uma mulher que, mesmo exercendo uma função intelectual pouco comum para o sexo feminino na época, escrevendo em jornais, ainda reproduzia o discurso de que o principal papel das mulheres era o de ser mãe.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Mariana Beltrami Ayrão Rocha

Área/Instituição
História – UFF

Orientador
Eliane Vasconcellos

Projeto
Modos e Modas, Usos e Costumes

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Dezembro 2015 a julho 2016

Objetivos

- Utilizar os escritos de Corina Coaraci como instrumento de pesquisa para entender a sociedade oitocentista.
- Constituir uma ferramenta para o estudo da história das mulheres no Brasil, já que Coaraci era uma mulher que escrevia para mulheres.
- Analisar as ideias circulantes no período sobre educação feminina, maternidade, comportamento e moda.

Metodologia

Analisando os artigos de Coaraci no periódico *A Folha Nova*, verificam-se temáticas recorrentes que dialogam com a história das mulheres e com a história cultural. Ancora-se, por isso, na história das mulheres, já que Corina é uma escritora cujos artigos destinam-se diretamente às mulheres. A história cultural foi eleita, por sua vez, para que se possam entender as representações e práticas culturais presentes nos textos da autora, textos esses que compõem a história do Brasil.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Mariana Beltrami Ayrão Rocha

Área/Instituição
História – UFF

Orientador
Eliane Vasconcellos

Projeto
Modos e Modas, Usos e Costumes

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Dezembro 2015 a julho 2016

Conclusões

Por meio da pesquisa, conclui-se que Corina Coaraci, uma mulher que pertencia à alta sociedade, desejava passar para suas leitoras um determinado estilo de vida. Afim disso, dentre as temáticas mais desenvolvidas em sua obra, encontram-se: a de se vestir de acordo com o clima do Brasil, e não copiar modas estrangeiras que não estavam de acordo com as altas temperaturas do Rio de Janeiro; o comportamento que as mulheres deveriam ter diante da sociedade, como a prática da caridade, a preocupação com o lar, filhos e marido; a crítica às mulheres que saíam muito ou que jogavam cartas e apostavam dinheiro; os modelos de educação que as mulheres deveriam adotar para cuidar dos filhos, a fim de que criassem os futuros cidadãos do país; e, em especial, a importância da educação feminina, para que as mulheres fossem boas esposas e mães, uma ideia muito circulante na época.

Deste modo, Corina Coaraci era uma mulher letrada, bem relacionada e que dialogava com as ideias da modernidade, entendendo que o principal papel da mulher, à época, era o de ser mãe e se portar conforme os “bons costumes” oitocentistas.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Mariana Beltrami Ayrão Rocha

Área/Instituição
História – UFF

Orientador
Eliane Vasconcellos

Projeto
Modos e Modas, Usos e Costumes

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Dezembro 2015 a julho 2016

Referências bibliográficas e documentais

A FOLHA Nova, Rio de Janeiro, 1884-1885.

VASCONCELLOS, Eliane. Corina Coaraci. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Gabriela Lúcio de Sousa
Área/Instituição
Conservação e Restauração –
UFRJ

Orientador
Edmar Gonçalves

Título do projeto
Conservação integrada:
implantação de programa
de pesquisa no campo da
deterioração dos acervos
documentais

Agência de financiamento
CNPq

Período da bolsa
Agosto 2015 a julho 2016

O trabalho de gerenciamento ambiental na FCRB e no MCRB: perspectivas e ações tomadas

Introdução

O desenvolvimento de um gerenciamento ambiental efetivo e constante em todas as áreas de guarda de acervos bibliográficos e museológicos da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB) podem resultar numa efetiva salvaguarda e também em um profundo conhecimento sobre os acervos existentes na instituição.

O gerenciamento ambiental tem como objetivo compreender os problemas gerais do acervo – o ambiente, a temperatura, a umidade relativa, as mudanças no espaço, o acréscimo de novas peças, entre outros pontos – e amenizá-los ou, minimamente compreendê-los (assim saberemos o que está degradando o acervo), tratar o ambiente, comunicar o problema e, em alguns casos, apenas acompanhar periodicamente até que uma solução adequada possa ser tomada.

A partir do gerenciamento ambiental e de um conhecimento qualificado sobre o ambiente e suas características, as ações corretas poderão ser realizadas.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Gabriela Lúcio de Sousa
Área/Instituição
Conservação e Restauração –
UFRJ

Orientador
Edmar Gonçalves

Título do projeto
Conservação integrada:
implantação de programa
de pesquisa no campo da
deterioração dos acervos
documentais

Agência de financiamento
CNPq

Período da bolsa
Agosto 2015 a julho 2016

Objetivos

O projeto tem como foco um gerenciamento ambiental eficiente e que seja constante. A preservação dos acervos, bem como a durabilidade deles, está intrinsecamente ligada a um sistema de monitoramento.

A manutenção do gerenciamento abarca o objetivo geral, que é a preservação do acervo bibliográfico documental da FCRB e do acervo museológico do MCRB.

Metodologia

Para o gerenciamento ambiental, utilizamos um aparelho denominado *datalogger*, que permite a aferição da umidade relativa, temperatura e temperatura do ponto de orvalho. No total, 21 ambientes contam com o aparelho, sendo seis no prédio anexo da FCRB, um no Lamic e 14 no MCRB. O equipamento coleta os dados ininterruptamente, 24 horas por dia. Uma vez na semana, esses dados são coletados, processados e, a partir deles, geramos gráficos. Os gráficos podem sinalizar situações adversas dos ambientes. No caso do MCRB, onde não temos um controle de condicionamento de ar artificial, seguimos informações dos dados coletados do monitoramento, e com isso adotamos a abertura ou fechamento das janelas, para manter a aeração de ar nos ambientes. E no caso da FCRB, onde o ambiente é controlado por condicionamento de ar ininterrupto, podemos, através dos dados, verificar se o sistema está realmente constante ou se apresenta falhas.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Gabriela Lúcio de Sousa
Área/Instituição
Conservação e Restauração –
UFRJ

Orientador
Edmar Gonçalves

Título do projeto
Conservação integrada:
implantação de programa
de pesquisa no campo da
deterioração dos acervos
documentais

Agência de financiamento
CNPq

Período da bolsa
Agosto 2015 a julho 2016

Além de coletarmos os dados dos *dataloggers*, também realizamos vistorias semanais, para verificar se novas peças de acervo foram alocadas nos ambientes, se existe sujidade acumulada, qual o estado de conservação dos acervos museológico e bibliográfico, entre outros pontos.

Conclusão

Até o momento, esses dois métodos (coleta de dados + vistorias semanais) apresentaram resultados positivos para a compreensão dos tipos de degradação dos acervos, porém um planejamento de ações futuras e até a efetivação de um plano de desastres permitiria uma preservação mais eficiente para todo o conjunto de acervos da instituição. Os resultados obtidos são efetivos e serão executados continuamente enquanto essas ações forem satisfatórias.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Gabriela Lúcio de Sousa
Área/Instituição
Conservação e Restauração –
UFRJ

Orientador
Edmar Gonçalves

Título do projeto
Conservação integrada:
implantação de programa
de pesquisa no campo da
deterioração dos acervos
documentais

Agência de financiamento
CNPq

Período da bolsa
Agosto 2015 a julho 2016

Referências bibliográficas

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de. *O espaço como elemento de preservação dos acervos com suporte em papel*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.

COSTA, Evanise Pascoa. *Princípios básicos da museologia*. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus, Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

PERDESOLI, José Luiz. *Relatório de avaliação de riscos para o acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Martina Benassi
Área/Instituição
Arquivologia – UFF
Orientador
Leila Estephano de Moura
Título do projeto
O acervo de Antônio Gontijo
de Carvalho
Agência de financiamento
CNPq
Período da bolsa
Agosto 2015 a julho 2016

O acervo de Antônio Gontijo de Carvalho

Introdução

O projeto *Acervo de Antônio Gontijo de Carvalho* teve seu início em agosto de 2015. Entre os seus objetivos estão a organização, preservação e divulgação da documentação produzida e acumulada pelo titular, sendo por fim disponibilizada na base de dados da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Nesse sentido, observamos seu conteúdo e sua relevância social por meio da difusão cultural no ambiente da web, permitindo o acesso e a manutenção da memória de seu produtor. Tal ação explora a tecnologia como ferramenta que traz visibilidade às instituições arquivísticas e proporciona aos usuários um contato mais imediato com os acervos.

O acervo foi doado à FCRB por Sérgio Ferraz Gontijo de Carvalho, em 9 de dezembro de 1992, e juntamente com os documentos foi encaminhado um dossiê que complementou alguns aspectos da biografia de seu pai, Antônio Gontijo. O conjunto de documentos reflete a vida pessoal, acadêmica e política de seu produtor, sua produção intelectual e, igualmente, de terceiros, além de material de estudo. Assim, o projeto em andamento realiza o estudo do processo de organização e descrição de arquivos pessoais com a finalidade de disseminar seu conteúdo por meio da difusão cultural na base de dados da FCRB, permitindo o acesso às informações.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Martina Benassi
Área/Instituição
Arquivologia – UFF
Orientador
Leila Estephano de Moura
Título do projeto
O acervo de Antônio Gontijo
de Carvalho
Agência de financiamento
CNPq
Período da bolsa
Agosto 2015 a julho 2016

Objetivos

O projeto objetiva a organização, preservação e divulgação da documentação acumulada por Antônio Gontijo de Carvalho, para que, por fim, seja disponibilizada na base de dados da FCRB, proporcionando aos usuários o contato mais imediato com o acervo.

Metodologia

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o produtor do acervo para que a documentação pudesse ganhar contexto, a fim de que as atividades práticas pudessem ser desenvolvidas. Prosseguiu-se com a leitura do conteúdo dos documentos, seguida da análise dos correspondentes, as datas e as funções desenvolvidas por Gontijo na época em que foram produzidos, proporcionando a elaboração das séries. O instrumento de pesquisa apresentará o título da série, a data limite da documentação, a quantidade de documentos e a identificação dos mesmos, que levará em conta as datas, correspondentes, instituições e os assuntos reconhecidos.

As próximas etapas do projeto são a descrição do acervo – que se insere nas normas internacionais de descrição, o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2) – e a inserção das informações das planilhas na base de dados.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Martina Benassi
Área/Instituição
Arquivologia – UFF
Orientador
Leila Estephano de Moura
Título do projeto
O acervo de Antônio Gontijo
de Carvalho
Agência de financiamento
CNPq
Período da bolsa
Agosto 2015 a julho 2016

Conclusão

Com os objetivos de analisar a constituição do acervo e a preservação do mesmo, com a finalidade de divulgação do conjunto documental, este trabalho proporciona a organização de um acervo pessoal com a utilização da descrição arquivística orientada por normas e padrões técnicos. O tratamento arquivístico consiste na identificação, classificação, ordenação, descrição, preservação e, por fim, no acesso. Contudo, caminhamos para a finalização deste trabalho e chegamos à definição de um total de 15 séries que espelham as ações e atividades de Antônio Gontijo, como: Secretaria de Agricultura; Ministério da Agricultura; Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo; Conselho Administrativo do Estado de São Paulo; Comissão de Negócios de São Paulo; Atuação política; Vida social; Fundação Pandiá Calógeras; Artigos enviados por terceiros; Material de estudo; Instituto dos Comerciários de São Paulo; Conselho Consultivo da Casa de Rui Barbosa, Documentação Avulsa, dentre outras.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Martina Benassi
Área/Instituição
Arquivologia – UFF
Orientador
Leila Estephano de Moura
Título do projeto
O acervo de Antônio Gontijo
de Carvalho
Agência de financiamento
CNPq
Período da bolsa
Agosto 2015 a julho 2016

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES. *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.

MELLO, Maria Lúcia Horta Ludolf de; MENDONÇA, Lucia Maria Velloso de Oliveira Rebello de. *O Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Mobile, 2012.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Tipologia documental na família Barbosa de Oliveira

Bolsista
Camilla Campoi de Sobral
Curso/Instituição
Arquivologia – Unirio
Orientador
Lucia Maria Veloso de Oliveira
Projeto
Tipologia documental na
família Barbosa de Oliveira
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Outubro 2015 a julho 2016

Introdução

O projeto *Tipologia documental na família Barbosa de Oliveira*, iniciado em 2013, está situado na esfera do grupo de pesquisa Patrimônio Documental, Informação e Acesso e tem como principal objetivo o uso da tipologia documental como método de abordagem dos arquivos, visando contribuir para a descrição arquivística e, conseqüentemente, para a ampliação do uso dos arquivos.

A coleção Família Barbosa de Oliveira foi doada para a Fundação Casa de Rui Barbosa em 1993, pela família de Américo Lourenço Jacobina Lacombe. A coleção retrata, em seus documentos, o modo de viver e de se relacionar da família no período de 1778 a 1965. O recorte realizado por este projeto restringe-se à documentação dos séculos XVIII e XIX.

Assim, o projeto em desenvolvimento promove o estudo tipológico dos arquivos pessoais com o intuito de aprofundar o conhecimento das ações e atividades que dão origem ao documento em si, utilizando esse método no âmbito dos arquivos produzidos na intimidade da vida pessoal.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Camilla Campoi de Sobral

Curso/Instituição
Arquivologia – Unirio

Orientador
Lucia Maria Veloso de Oliveira

Projeto
Tipologia documental na família
Barbosa de Oliveira

Fonte de financiamento
FCRB

Período
Outubro 2015 a julho 2016

Objetivos

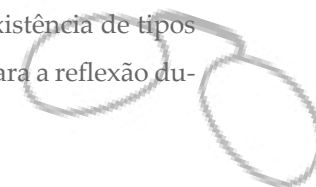
O projeto pretende identificar as espécies documentais e tipológicas produzidas nos séculos XVIII e XIX, dentro do contexto histórico e social que o universo empírico da coleção Família Barbosa de Oliveira contempla. Deste modo, busca dar uma contribuição à elaboração de uma bibliografia de referência e estimular a produção de conhecimento na área, referente à tipologia documental aplicada a arquivos pessoais.

Metodologia

A partir de uma revisão da literatura específica sobre os arquivos pessoais, a tipologia documental e os manuais de postura, a metodologia empregada visa a estabelecer um contexto de normas e padrões do registro documental, a partir do estudo das relações das funções e atividades do titular do arquivo e a vinculação entre a espécie e o tipo documental.

Foram identificados 203 tipos documentais, dentro do universo empírico da coleção em tela, os quais foram sistematizados em um Glossário conceitual de tipologias, que utilizou conceitos da Arquivologia, do Direito, da Comunicação, da Literatura, da História e também dos manuais de costumes.

Foi também realizado um levantamento quantitativo de termos e de tipos documentais nos instrumentos de pesquisa das principais bases de dados internacionais, a fim de identificar a existência de tipos documentais nesses sítios e cotejá-los com os identificados pelo projeto, o que contribuiu para a reflexão du-



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Camilla Campoi de Sobral
Curso/Instituição
Arquivologia – Unirio
Orientador
Lucia Maria Veloso de Oliveira
Projeto
Tipologia documental na
família Barbosa de Oliveira
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Outubro 2015 a julho 2016

rante o desenvolvimento do projeto. Nesse levantamento foram analisados 186 instrumentos de pesquisa e identificados 211 termos relativos a espécies e tipos documentais, em um total de 782 ocorrências de termos.

Conclusão

Foram identificados, no desenvolvimento do projeto, 203 espécies e tipos documentais em 541 documentos do universo empírico analisado.

O trabalho realizado combina a identificação de espécies documentais e tipológicas produzidas nos séculos XVIII e XIX e o estudo dos contextos de normas e padrões que se insere a produção do registro documental. Por tratar-se de um universo empírico que compreende a vida privada e suas relações, essas atividades são extremamente delicadas, evidenciando-se. Assim, a necessidade de uma atenção aos padrões de comportamento e conduta vigentes no período da produção documental.

Ao fim do projeto, será possível disponibilizar ao usuário os tipos documentais identificados no universo empírico, que servirão como um dispositivo de acesso e difusão, na medida em que informa a esse usuário as atividades que deram origem ao registro documental. Também será possível a elaboração de uma bibliografia de referência a respeito de tipologias documentais em arquivos pessoais.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Camilla Campoi de Sobral
Curso/Instituição
Arquivologia – Unirio
Orientador
Lucia Maria Veloso de Oliveira
Projeto
Tipologia documental na
família Barbosa de Oliveira
Fonte de financiamento
FCRB
Período
Outubro 2015 a julho 2016

Referências bibliográficas

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Diplomática e tipologia documental em arquivos*. Brasília: Brique de Lemos Livros, 2008.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
José Luiz Costa Sousa Gonçalves

Área/Instituição
Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação – UFRJ

Orientador
Ana Lígia Medeiros

Projeto
A Indexação em Acervo de
Folhetos de Cordel: um Estudo
de Caso da Fundação Casa de Rui
Barbosa

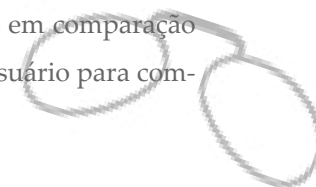
Fonte de financiamento
CNPq

Período
Fevereiro 2016 a julho 2016

O folheto de cordel e sua diversidade temática: uma análise da indexação e do acervo de cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa

Este projeto observa a especificidade do folheto de cordel no que tange ao seu conteúdo informacional e à representação temática realizada pelas unidades de informação relativas a esse tipo de documento. No bojo das expressões artísticas e culturais, encontra-se a literatura e, dentro desta, a literatura estruturada de forma popular. Uma das fontes de manifestação da cultura popular é a literatura de cordel, que se caracteriza como uma literatura plural e diversificada, uma vez que retrata a realidade de um povo e de uma determinada região. Com suas narrativas ritmadas e seu valor histórico, o cordel consolida-se como elemento rico de cultura e de informação, promovendo a reflexão e a transmissão das relações socioculturais de uma comunidade. No Brasil, as impressões dos folhetos iniciaram-se na segunda metade do século XIX, abarcando uma vasta e variável gama de assuntos. No que tange à indexação dos folhetos de cordel, faz-se necessário atentar para a representação temática dessas fontes, uma vez que o conteúdo informacional destas é de natureza plural e diversa.

O trabalho tem como objetivo analisar a indexação dos folhetos de cordel da coleção do Leandro Gomes de Barros, da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Foram identificadas problemáticas referentes à indexação de assuntos nos folhetos de cordel. Entre os objetivos específicos estão: compreender a metodologia adotada pela FCRB para a indexação dos folhetos de cordel; analisar os assuntos em comparação com os termos do vocabulário controlado estruturado pela FCRB; propor um estudo de usuário para compreender a demanda informacional do acervo de cordel.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
José Luiz Costa Sousa Gonçalves

Área/Instituição
Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação – UFRJ

Orientador
Ana Lígia Medeiros

Projeto
A Indexação em Acervo de
Folhetos de Cordel: um Estudo
de Caso da Fundação Casa de Rui
Barbosa

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Fevereiro 2016 a julho 2016

O acervo de cordel da FCRB possui aproximadamente 9.000 folhetos, sendo que 2.340 folhetos encontram-se digitalizados. A coleção de Leandro conta com 468 folhetos, todos digitalizados.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória. Como procedimento metodológico, optou-se por um estudo de caso. Como campo empírico, analisa-se a coleção de folhetos de cordel da FCRB, em específico a coleção do cordelista Leandro Gomes de Barros. Foram selecionados 40 folhetos existentes nessa coleção para realização da análise. Como técnica de coleta de dados, realiza-se a observação participante a partir do contato com o acervo de folhetos de cordel e a indexação já desenvolvida.

O conteúdo informacional do folheto de cordel abarca uma multiplicidade de assuntos, sob uma linguagem específica e uma estrutura cultural muito própria. Para que uma efetiva indexação seja desenvolvida, faz-se necessário compreender os usuários potenciais dessa tipologia de acervo, bem como a natureza do folheto de cordel. Assim, possibilita-se que sejam desenvolvidos produtos documentários que, de fato, contemplem esses usuários e representem os conteúdos dos folhetos de cordel. A fundamentação teórica da pesquisa desenvolve-se sob os olhares de autores e autoras, como Belisario e Dias (2013), Martins, Spirlandelli e Magalhães (2009), Medeiros (2004), Albuquerque (2013), Maia e Albuquerque (2014). A parte metodológica, embasa-se pelo autor Gil (1999).



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
José Luiz Costa Sousa Gonçalves

Área/Instituição
Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação – UFRJ

Orientador
Ana Lígia Medeiros

Projeto
A Indexação em Acervo de
Folhetos de Cordel: um Estudo
de Caso da Fundação Casa de Rui
Barbosa

Fonte de financiamento
CNPq

Período
Fevereiro 2016 a julho 2016

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. *Representação temática da informação na literatura de cordel*. Curitiba: Appris, 2013.

BELISARIO, D. S. S.; DIAS, K. L. O. Folhetos de cordel: formas de recuperação e disseminação do acervo Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2012/1285>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MAIA, M. E. N.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. O uso da análise da informação nos processos de indexação para o contexto do cordel. *BIBLOS: revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 28, n. 1, p. 103-111, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/16176>>. Acesso em: 12 maio 2016.

MARTINS, C. R.; SPIRLANDELLI, R. R.; MAGALHÃES, S. P. Literatura de cordel em sala de aula: um estudo do gênero. *REL: revista eletrônica de Letras*, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unifacel.com.br/index.php/rel/article/view/378/363>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

MEDEIROS, I. Literatura de cordel: origem e classificação. In: _____. *Estudos em literatura popular*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2004. p. 313-327.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Mariana Freitas de Andrade
Curso/Instituição
História – UFRJ
Orientador
Claudia Carvalho
Projeto
Plano de Conservação
Preventiva do Museu Casa de
Rui Barbosa: Documentação
para Preservação
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Sistema integrado de informações para a preservação do patrimônio cultural

Introdução

A documentação do patrimônio cultural é parte integrante do processo de conservação, sendo necessário definir um processo seletivo que depende de análises e interpretações preliminares, para que a documentação não seja apenas uma operação técnica neutra, mas o resultado de uma abordagem cultural complexa. A documentação é um processo contínuo que possibilita a preservação do patrimônio cultural. Neste sentido, tendo em vista a necessidade de estabelecer um sistema integrado de informações para a preservação do Patrimônio Cultural da Fundação Casa de Rui Barbosa, o presente trabalho apresenta os resultados obtidos a partir do levantamento das informações relativas às ações de preservação do conjunto edificado do Museu Casa de Rui Barbosa. O recorte aqui apresentado tem como foco a preservação das fachadas do Museu. Através de consulta ao Arquivo e pesquisas nos Conteúdos Digitais e na Base Iconográfica, foi possível realizar um levantamento das intervenções realizadas, no intervalo de tempo de 1893, ano em que a casa foi adquirida por Rui Barbosa, até depois da mesma se tornar um museu, após a morte de Rui Barbosa, encerrando no ano de 1986. As informações recolhidas foram sistematizadas de modo a subsidiar os processos de tomada de decisão para a intervenção iniciada em 2016.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Mariana Freitas de Andrade
Curso/Instituição
História – UFRJ
Orientador
Claudia Carvalho
Projeto
Plano de Conservação
Preventiva do Museu Casa de
Rui Barbosa: Documentação
para Preservação
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Objetivo

O objetivo do projeto consiste na produção de conhecimento para subsidiar as ações de preservação, bem como promover o interesse nas ações de preservação do monumento, através do sistema integrado de informações.

Metodologia

A pesquisa teve início com uma revisão bibliográfica sobre o museu, seu jardim e a vida de Rui Barbosa, de modo a estabelecer o contexto que envolvia o tema principal, e construir uma familiaridade com os ambientes e personagens desta história. Na sequência, foi elaborado um levantamento arquivístico da documentação existente relativa às intervenções realizadas no Museu e uma organização destas informações através do preenchimento de fichas. A partir de reuniões com o orientador, foi definido o recorte da pesquisa, com enfoque nas intervenções realizadas nas fachadas. Foram elaboradas fichas de cada documento, listagens e uma cronologia relacionando os documentos textuais e as imagens encontradas não só na base iconográfica, mas também nas bases bibliográficas e documentais da FCRB.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Mariana Freitas de Andrade
Curso/Instituição
História – UFRJ
Orientador
Claudia Carvalho
Projeto
Plano de Conservação
Preventiva do Museu Casa de
Rui Barbosa: Documentação
para Preservação
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Conclusão

A intenção da pesquisa foi estudar a fachada como um elemento principal, abordando as modificações que ela sofreu ao longo dos anos, a fim de subsidiar as ações para sua preservação, ora em curso. A realização desta pesquisa também possibilitou contato direto com a história de Rui Barbosa, através de suas cartas pessoais, seus documentos e diversas fotografias que marcaram cada cenário em que esteve presente. Na sequência, daremos início ao levantamento arquivístico em outras instituições de modo a preencher lacunas na documentação até aqui levantada.

Referências bibliográficas e documentais

BARBOSA, Rui; BANDEIRA, Carlos Viana; ANTONIO JANNUZZI, Irmão & Cia. [Sem título]. Rio de Janeiro: [s.n.]. 2 documentos.

CARVALHO, Cláudia Rodrigues. *O projeto de conservação preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa*. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_ClaudiaCarvalho_Projeto_de_conservacao_preventiva_do_museu_Casa_de_Rui_Barbosa.pdf>. Acesso em: 19 out. 2015.

COLOM, Francisco Puigdomenech. *Casa de Rui Barbosa da rua São Clemente no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 30 abr. 1901 a 31 dez. 1907. 4 documentos.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro, [19-].

_____. *Projeto para restauração*. Rio de Janeiro, [19-].

_____. *Relatório de atividades: informe DA 10 151 (289)*. Rio de Janeiro, [19-].



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Táisa Diniz Laurindo dos
Santos
Área/Instituição
Produção Cultural – IFRJ
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História das políticas culturais
no Brasil
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2014 a julho de 2016

O Conselho Nacional de Cultura a partir da atuação de Paschoal Carlos Magno

Este trabalho tem como objetivo fazer um estudo da atuação de Paschoal Carlos Magno como Secretário Geral do Conselho Nacional de Cultura (CNC) entre 1962 e 1964, tomando como base os documentos referentes ao órgão dispostos no arquivo do Ministério da Cultura (MinC), no Palácio Gustavo Capanema, e o arquivo de Paschoal, intitulado “Homem da Cultura”, do Centro de documentação da Fundação Nacional de Artes (Funarte). A pesquisa busca, através das movimentações de Paschoal no conselho, entender de que forma o mesmo geria o CNC e quais eram seus objetivos.

Paschoal Carlos Magno foi ao longo de sua vida um ator cultural, visualizando e executando projetos de fomento à cultura nacional. Alguns dos exemplos destes realizados para além do conselho foram: o Teatro do Estudante, Teatro Dulce, e a Aldeia do Arcozelo. Em 1962, Paschoal foi nomeado Secretário Geral do Conselho Nacional de Cultura. O Conselho tinha como finalidade a orientação das atividades culturais do país e contava com sete comissões nacionais: literatura, teatro, cinema, música e dança, artes plásticas, filosofia, história e ciências sociais. O órgão era composto por figuras de destaque na cultura nacional como, por exemplo, Austregésilo de Athayde, Mário Pedrosa, Edmundo Moniz, Francisco Mignone e Bruno Giorgi; nomes citados por Paschoal no ofício nº 366 destinado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC).

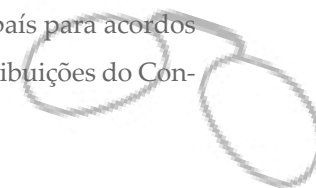


11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Taísa Diniz Laurindo dos
Santos
Área/Instituição
Produção Cultural – IFRJ
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História das políticas culturais
no Brasil
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2014 a julho de 2016

Assim que nomeado, Paschoal Carlos Magno recebeu diversas cartas de congratulações a respeito de sua nomeação, em que figuras de grande impacto cultural e diretores de instituições, como o presidente da Academia Valenciana de Letras e o diretor do Centro Latino-americano de Pesquisas em Ciências Sociais, o prestigiavam. Paschoal, em suas cartas ao ministro da educação, valia-se de sua influência política e contatos para pressionar o pagamento de verbas para projetos. No mesmo ano Paschoal encaminha ao Ministério da Cultura uma proposta de um plano de aplicação do CNC para o ano de 1962. Os projetos, aceitos e propostos por Paschoal, aprovados pelo Conselho em reunião, e enviados em anexo ao ofício nº 360 em 10 de agosto de 1962 para o ministro da Educação e Cultura, demonstram que o objetivo do mesmo no conselho era disseminar a cultura dos grandes centros levando-a a localidades do interior, objetivando assim a descentralização. O anexo contava com uma lista de Festivais, Seminários, Concertos e peças que aconteceriam em Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Belém, Penedo e Paraíba, por exemplo. Paschoal seguia um modelo de democratização cultural europeu devido às suas vivências no exterior. Ele via as políticas culturais europeias como modelo e as citava em cartas destinadas ao ministro.

Como citado por Paschoal em diversos ofícios destinados ao MEC, o Conselho contava com uma verba baixa que mal dava conta das despesas com pessoal. De acordo com o Ofício nº 365 enviado por Paschoal ao ministro, até agosto daquele mesmo ano o Secretário Geral não tinha transporte a sua disposição para se deslocar, e o Conselho também sofria com falta de pessoal. Assim, para garantir a realização de projetos, Paschoal se utilizava de manobras políticas e parcerias com instituições culturais e universidades. Em ofício enviado ao ministro, Paschoal diz ter visitado, no início de 1962, 14 estados do país para acordos de realização de projetos, fazendo contato com instituições culturais a fim de cumprir as atribuições do Conselho.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Táisa Diniz Laurindo dos
Santos
Área/Instituição
Produção Cultural – IFRJ
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História das políticas culturais
no Brasil
Fonte de financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2014 a julho de 2016

Paschoal demonstrava, através de seus feitos, um verdadeiro esforço no sentido de modificar o cenário cultural da época. Contudo, em 1964 o mesmo é afastado do cargo e o Conselho vai perdendo a força, até ser extinto pelo governo militar em 1966.

Referências bibliográficas

BRASIL. Decreto n. 50. 293, de 23 de fevereiro de 1961. Cria o Conselho Nacional de Cultura e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50293-23-fevereiro-1961-390034-publicacaooriginal-1-pe.html>>.

CALABRE, Lia. *Políticas culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

Referências documentais

ARQUIVO CFC/MINC. Gaveta do Conselho Nacional de Cultura, MEC.

FUNARTE – CEDOC. Ofícios. Homem da Cultura. 1962.

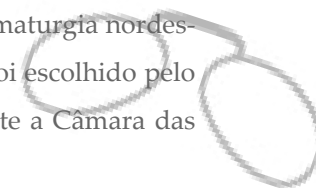


11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Pablo Ferreira de Lima
Área/Instituição
Belas Artes – UFRRJ
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História da política cultural
no Brasil: a ação dos conselhos
Federais de Cultura
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Ariano Suassuna no Conselho Federal de Cultura (1967-1973)

Considera-se que as primeiras iniciativas de política cultural no Brasil, em âmbito federal, iniciaram-se no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e que suas ações tiveram um importante papel na consolidação da área no meio público. Esse período ficou marcado pelo processo de institucionalização de diversas áreas culturais onde o Estado inicialmente não atuava, tornando-se ainda, o principal fomentador da cultura. Essas instituições contavam também com importantes intelectuais em sua construção, personagens esses entrelaçados com movimentos culturais, literários e políticos desde a década de 1920. Após o golpe militar de 1964, durante o governo do presidente Castelo Branco (1964-1967), foi retomada a discussão sobre a necessidade de elaboração de uma política nacional de cultura. Em novembro de 1966 foi criado o Conselho Federal de Cultura (CFC), nos moldes do Conselho Federal de Educação, com o intuito de reformular a política cultural do país. O CFC iniciou suas atividades em 1967 e era constituído por 24 membros fundadores, intelectuais selecionados por seu histórico de projeção reconhecida nacional e internacionalmente. O Conselho, assim como outras instituições no mesmo período, “tinham como objetivo central orientar as políticas culturais a ser adotadas no país, visando a divulgação da produção cultural e a definição dos padrões culturais adequadas ao direcionamento político imprimido pelo Estado” (MAIA, 2012, p. 26). O projeto político do CFC para o setor cultural tem em seus eixos principais a “cultura regional, identidade nacional e memória nacional seus principais fundamentos” (MAIA, 2012, p. 28). O conselheiro Ariano Villar Suassuna (1927-2014) é considerado um dos maiores representantes da dramaturgia nordestina de raízes populares. Por sua larga presença no cenário cultural e político brasileiro foi escolhido pelo Presidente da República para ser membro-fundador do Conselho e integrar internamente a Câmara das



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Pablo Ferreira de Lima
Área/Instituição
Belas Artes – UFRRJ
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História da política cultural
no Brasil: a ação dos conselhos
Federais de Cultura
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Artes. Em entrevista para *Políticas Culturais em Revista*, Suassuna fala que viu a convocação para o CFC como oportunidade para conseguir verbas para a cultura de Pernambuco, intensificar sua ação na defesa da Cultura Popular e defender amigos que estavam sendo perseguidos pelo Regime Militar (SUASSUNA, 2008, p. 152). Dentro do Conselho, Ariano Suassuna atuou principalmente na canalização de verbas para o teatro nacional e intensificou a sua ação na defesa da cultura popular. Durante o Regime Civil-Militar, período de intensificação da censura na produção cultural nacional, Suassuna, mesmo sendo um Conselheiro Federal, sofreu com a interferência estatal em sua produção artística. A Câmara das Artes, instância interna do Conselho Federal de Cultura de que Suassuna fazia parte, destacou-se através das inúmeras denúncias sobre casos de censura na produção cultural nacional. Internamente no Conselho, havia discussões e discordâncias sobre o tema, mas de modo geral, existiam unanimidade e coerência no sentido de valorização da cultura nacional. Suassuna militou, em todas as instâncias que representou para a valorização da cultura popular brasileira e, mesmo deixando o Conselho Federal de Cultura em 1973, continuou esse trabalho no Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco e na construção do Movimento Armorial.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Pablo Ferreira de Lima
Área/Instituição
Belas Artes – UFRRJ
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História da política cultural
no Brasil: a ação dos conselhos
Federais de Cultura
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Referências bibliográficas

BARBALHO, Alexandre. *Relação entre Estado e Cultura no Brasil*. Ceará: Unijuí, 1998.

CALABRE, Lia. *Políticas culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

_____. (Org.). *Políticas culturais: diálogo indispensável*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil-Militar (1967-1975)*. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2012.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: Edufba, 2007.

SUASSUNA, Ariano. Entrevista com o escritor Ariano Suassuna. *Políticas Culturais em Revista*, Salvador: Edufba, p. 152-161, 2008. Entrevista elaborada por Cláudia Leitão e intermediada por Fabiano dos Santos em 25 out. 2007, São Luís/MA. Disponível em: <www.politicasculturaisemrevista.ufba.br>. Acesso em: 5 jan. 2014.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Leandro Porto Leal
Área/Instituição
História – UVA
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História da política cultural
no Brasil
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

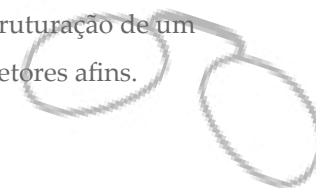
O Conselho Federal de Cultura e o projeto das Casas de Cultura

Introdução

O Conselho Federal de Cultura (CFC) foi criado através do Decreto-Lei nº 74 do dia 12 de novembro de 1966 e desde 1967, quando passou a funcionar de forma efetiva, até meados da década seguinte, o projeto das Casas de Cultura ocupou um lugar central no discurso oficial do CFC, paralelamente às deliberações internas a respeito de um inédito Plano Nacional Cultura.

No entanto, uma série de impedimentos legais colocados pelos órgãos de fiscalização e planejamento econômico do Estado fizeram com que o PNC nunca saísse do papel, enquanto o incentivo à criação de Casas de Cultura nas municipalidades foi, durante aproximadamente uma década, o principal instrumento do CFC para aplicação da sua política cultural.

Os conselheiros, sobretudo seu primeiro presidente, o acadêmico Josué Montello, atuavam muito influenciados pelo trabalho que Andre Malraux desempenhava à frente do Ministério dos Assuntos Culturais da França (MAC). A criação do ministério em 1959, e os dez anos da gestão Malraux produziram aquilo que Philippe Urfalino chamou de “invenção da política cultural”, justificada pelo autor sobre uma tripla ruptura que compreendia a afirmação, no plano do Estado, de uma filosofia de ação cultural; a formação de um setor artístico profissional cujos projetos eram subvencionados pelo ministério; e a estruturação de um aparelho administrativo autônomo com modalidades de ação específicas em relação aos setores afins.



11ª Jornada de Iniciação Científica

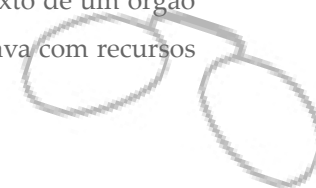
Bolsista
Leandro Porto Leal
Área/Instituição
História – UVA
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História da política cultural
no Brasil
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

A experiência francesa despontava então como a grande referência no quadro global e, quando os conselheiros se articulavam no interior do MEC para conseguir institucionalizar o campo cultural, propondo normas e diretrizes para ação do poder público junto ao setor, estavam, de certo modo, procurando espelhar os eventos ocorridos na França e “inventar a política cultural no Brasil”.

Assim como o MAC, o CFC operava de acordo com os pressupostos do paradigma da democratização cultural, assumindo a “missão de tornar acessíveis as obras fundamentais da humanidade, em primeiro lugar do Brasil, para o maior número possível de brasileiros”. Na perseguição deste objetivo, as Casas de Cultura, inspiradas nas Maisons de la culture francesas, desempenhavam importante função, promovendo uma dupla descentralização: social e geográfica.

Compostas por biblioteca, sala de exposições, teatro, discoteca, etc., as “modernas catedrais” deveriam ser espaços polivalentes dedicados a combater a desertificação cultural das províncias, e funcionar como centros de convergência e difusão cultural pelos interiores do país.

Não obstante a emulação dos métodos empregados e a perseguição de objetivos semelhantes, as disparidades no contexto histórico, político, cultural e social gerou resultados distintos em cada um dos países, mesmo que a frustração seja uma marca comum às duas experiências. Enquanto na França o projeto foi iniciativa pessoal de um ministro ilustre que dispunha tanto de um orçamento razoável quanto de uma organização ministerial sólida, no Brasil, as Casas de Cultura foram defendidas no contexto de um órgão de assessoramento praticamente marginal dentro da estrutura geral do MEC e que operava com recursos insuficientes.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Leandro Porto Leal
Área/Instituição
História – UVA
Orientador
Lia Calabre
Projeto
História da política cultural
no Brasil
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

A forma voluntarista como o projeto foi implementado, sem o devido planejamento, e prescindindo de recursos adequados, permitiu que as Casas de Cultura efetivamente construídas/instaladas entre 1967 e 1974 fossem desvirtuadas de seus propósitos originais atuando como espaços “concentracionários” destinados a suprir a carência de espaços públicos voltados para a socialização e realização de eventos em municípios de médio porte.

Referências bibliográficas

COELHO, Teixeira. *Os usos da cultura: políticas de ação cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MAIA, Tatyana de Amaral. *Os cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura na Ditadura Civil-Militar (1967-1975)*. São Paulo: Itáu Cultural: Iluminuras, 2012.

URFALINO, Philippe. *A invenção da política cultural*. São Paulo: Edições Sesc, 2015.



Bolsista
Matheus Sousa Marques
Área/Instituição
Relações Internacionais – UFF
Orientador
Ângela Facundo Navia
Projeto
Refúgio, Reassentamento ou
Residência e Livre Trânsito?
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Plano Colômbia, “Guerra às Drogas” e o deslocamento forçado de pessoas em território colombiano

Introdução

O trabalho propõe a análise das consequências políticas e sociais das fumigações feitas com Glifosato (uma substância química utilizada como agrotóxico), a partir da implementação do Plano Colômbia, nas populações camponesas locais. Tal ação objetivava erradicar as plantações de cultivos ilegais em território colombiano. A principal consequência analisada é o deslocamento forçado de pessoas, feito com o intuito de fugir das aspersões aéreas do agente químico, que destroem não somente as plantações de substâncias consideradas ilícitas, mas também contaminam todo o ecossistema ao redor.

Objetivos

Com base no estudo dos fluxos de migrações forçadas dos camponeses colombianos, pretende-se averiguar como a securitização do narcotráfico e a consequente “Guerra às Drogas” – imposta pelos Estados Unidos da América através de financiamento e de apoios militar e discursivo – afeta o cotidiano de imensurável número de pessoas na Colômbia e em toda a América Latina. Nesse sentido, o estudo pretende discutir como o controle de certos substratos de populações, considerados ameaçadores para o status quo de elites com poder de influência, é feito pelos detentores de poder através do aparato repressivo do Estado.

11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Matheus Sousa Marques
Área/Instituição
Relações Internacionais – UFF
Orientador
Ângela Facundo Navia
Projeto
Refúgio, Reassentamento ou
Residência e Livre Trânsito?
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Os objetivos específicos da pesquisa estão centrados em revelar, portanto:

- Quais as consequências políticas, econômicas e sociais do deslocamento forçado provocado pela aspersão de Glifosato na Colômbia?
- Como a chamada “Guerra às Drogas” influenciou os caminhos traçados por essas populações deslocadas à força?

Metodologia

Os procedimentos para a realização do trabalho consistem em: extensa análise de bibliografia sobre a questão em estudo; revisão documental de fontes primárias, ou seja, publicações e documentos oficiais emitidos por instituições governamentais colombianas e estadunidenses, além da análise de discursos oficiais dos atores envolvidos; levantamento de dados e estatísticas relevantes sobre a temática, como relatórios e bancos de dados de ONGs e de organizações internacionais e entrevistas com afetados pela aspersão de Glifosato.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Matheus Sousa Marques
Área/Instituição
Relações Internacionais – UFF
Orientador
Ângela Facundo Navia
Projeto
Refúgio, Reassentamento ou
Residência e Livre Trânsito?
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Agosto de 2015 a julho de 2016

Conclusões

Espera-se que o resultado do estudo proposto demonstre como as populações locais tiveram seu cotidiano e suas vidas afetadas de forma contundente pela iniciativa do Plano Colômbia de fumigação de herbicidas no território agrário do país. Os resultados devem demonstrar, segundo se pretende, a partir do estudo de caso dos deslocados à força, a ineficácia da “Guerra às Drogas” como política proibicionista, visto que o consumo de psicoativos continua a ocorrer, e por outro lado, a eficiência da mesma como mecanismo de repressão social.

Referências bibliográficas

CEBALLOS, Marcela. *Plan Colombia: contraproductos y crisis humanitaria: fumigaciones y desplazamiento en la frontera con Ecuador*. Bogotá: Codhes, 2003.

CODHES. *El desplazamiento forzado y la imperiosa necesidad de la paz*. Bogotá, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. Poder e saber. In: _____. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico e militarização nas Américas: vício de Guerra. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 9-41, jan./jun. 2012.

VARGAS, Ricardo. The anti-drug policy, aerial spraying of illicit crops and their social, environmental and political impacts in Colombia. *Journal of Drug Issues*, v. 32, n. 1, p. 11-60, jan. 2002.



Bolsista
Leda Stopazzolli
Área/Instituição
Direito – UFRJ
Orientador
Charles Gomes
Projeto
Reassentamento de Refugiados
no Brasil
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Julho de 2015 a julho de 2016

A perseguição baseada no gênero e o reconhecimento do refúgio

Atualmente há cerca de 55 milhões de pessoas ao redor do mundo que foram forçadas a deixar seus países. Metade desta população é formada por meninas e mulheres. Por encontrarem-se em posição econômica e social desfavorecida, tornam-se um grupo especialmente vulnerável quando há a ausência da proteção estatal que provoca o refúgio.

A Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados (Acnur) de 1951 e o seu Protocolo de 1967 definem como refugiado a pessoa que possui um bem fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas e que se encontra fora do seu país de residência habitual, não podendo ou não querendo ter a sua proteção estatal.

Apesar de fonte de grandes violações do direito à liberdade e à dignidade humana, a perseguição por razão de gênero não encontra previsão nos diplomas internacionais que dispõem sobre o instituto do refúgio. No entanto, à medida que as demandas do movimento feminista foram ganhando relevância nos debates internacionais, o Acnur foi gradualmente incluindo esta hipótese em suas conclusões e recomendações.

A partir de revisão bibliográfica de artigos, documentos oficiais do Acnur e de entrevistas semiestruturadas com duas refugiadas no Rio de Janeiro, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar que o refúgio pode ser motivado por práticas culturais e vivências traumáticas relacionadas ao lugar desprivilegiado ocupado pela mulher em determinadas sociedades, podendo determinar ou influenciar as hipóteses de perseguição contempladas pela Convenção de 1951.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Leda Stopazzolli
Área/Instituição
Direito – UFRJ
Orientador
Charles Gomes
Projeto
Reassentamento de Refugiados
no Brasil
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Julho de 2015 a julho de 2016

A perseguição baseada gênero e o reconhecimento do refúgio

Em 1975, a ONU organizou a Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, na Cidade do México, proclamando a década de 1976-1985 como a Década da Mulher. Pela primeira vez, a realidade das mulheres refugiadas esteve entre os temas discutidos ao longo das conferências realizadas, resultando em recomendações no sentido de engajar os Estados na prevenção e punição da violência contra a mulher e em dar a devida assistência e proteção a mulheres e crianças refugiadas.

Entre 1985 e 2003, ao menos oito conclusões do Comitê Executivo e três Guidelines publicadas pelo Acnur visaram à promoção da perspectiva do gênero nas políticas de reconhecimento e programas relativos ao refúgio.

Em 2002, o Acnur publicou as “Diretrizes sobre Proteção Internacional n. 1 – Perseguição baseada no Gênero, no contexto do Artigo 1A(2) da Convenção de 1951 e Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados”, em que afirma que, apesar do gênero não estar presente na definição de refúgio adotada pela Convenção de 1951, é amplamente reconhecido que o gênero pode influenciar ou mesmo determinar o tipo de perseguição sofrida, assim sua correta interpretação abrange as perseguições baseadas no gênero. Dessa forma, graves violências sofridas por mulheres são equivalentes a perseguição, como se observa nos casos de tráfico humano para fins de exploração sexual, aborto ou esterilização forçados, práticas tradicionais como a mutilação genital, além da violência doméstica e familiar quando o Estado, por posicionamento político, é discriminatório e omissivo quanto à sua prevenção e devida punição.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Leda Stopazzolli
Área/Instituição
Direito – UFRJ
Orientador
Charles Gomes
Projeto
Reassentamento de Refugiados
no Brasil
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Julho de 2015 a julho de 2016

Conclusão

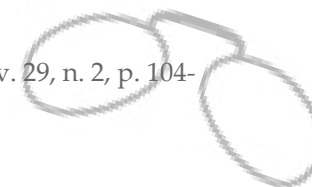
Questões relacionadas ao gênero podem estar presentes e serem definitivas para a ocorrência do refúgio, como se observou no discurso de uma entrevistada, que apesar de ter fugido de conflitos armados no Congo, sente-se violentada desde muito antes, quando foi vítima de casamento forçado, de ausência do marido por ter se casado com mais três mulheres, além de estupro, prática recorrente em seu país. Para ela, o refúgio no Brasil representa a chance de ter a liberdade de escolha e dignidade sexual que não pode ter ao longo da vida.

Ao recomendar a atenção dos Estados às especificidades de violências a que as mulheres podem estar expostas ao solicitar refúgio, o Acnur estende a utilização deste instituto de proteção, historicamente interpretado em um contexto de experiências masculinas, a inúmeras mulheres e meninas vítimas de graves violações de direitos humanos.

Referências bibliográficas

ACNUR. *Conclusions adopted by the Executive Committee on the International Protection of Refugees: 1975-2004* (Conclusion n. 1 – 101). 2005. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/41b041534.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MARTIN, Susan F. Gender and the evolving refugee regime. *Refugee Survey Quarterly*, v. 29, n. 2, p. 104-121, 2010.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Letícia Oliveira de Santanna
Área/Instituição
Relações Internacionais – Uni-
versidade Estácio de Sá
Orientador
Charles Gomes
Projeto
Refúgio e Segurança Humana
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Julho de 2015 a julho de 2016

Africanos são os outros: transitoriedade de refugiados subsaarianos no Egito

Conhecido como um dos países mais cosmopolitas do continente africano, o Egito carrega um longo histórico de atração de diversos grupos migrantes.

Hoje em dia é no Cairo e em Alexandria, cidade cuja costa é o mar Mediterrâneo, que se concentram as maiores redes de refugiados. A intensa movimentação de estrangeiros não é necessariamente vista com bons olhos. Subsaarianos e, recentemente, sírios, buscam o país como plataforma migratória e, segundo o próprio governo, competem com as camadas mais pobres do país em termos de acesso a meios de sobrevivência.

Refugiados no Egito não se tornam cidadãos, não têm direito à educação, saúde e, em tese, só podem trabalhar caso consigam visto de trabalho e residência financiados por seus empregadores, como qualquer outro estrangeiro migrante econômico.

Objetivos

São inúmeras as publicações recentes que dão conta de detalhar o cotidiano de sírios refugiados na região MENA. Esse artigo, à revelia, se concentra na análise das estratégias de sobrevivência dos refugiados que, para os egípcios, são “os africanos”, estes que carregam na pele o estigma de serem inegavelmente filhos desse continente estereotipado.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Letícia Oliveira de Santanna
Área/Instituição
Relações Internacionais – Uni-
versidade Estácio de Sá
Orientador
Charles Gomes
Projeto
Refúgio e Segurança Humana
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Julho de 2015 a julho de 2016

Sudão, Etiópia, Somália, Sudão do Sul, Eritreia e Nigéria são os países africanos que mais enviam refugiados ao Egito.

Metodologia

O método utilizado para o desenvolvimento deste trabalho foi a revisão de documentação oficial sobre os mecanismos nacionais de amparo a refugiados, a análise de bibliografia sobre o tema de migrações e pesquisas em publicações variadas que abordassem a rotina de migrantes subsaarianos e de ONGs de apoio e proteção aos mesmos no Egito. Além disso, o trabalho de campo, fundamentado em entrevistas qualitativas, foi essencial para revelar as estratégias de sobrevivência do grupo em questão.

Conclusões

No geral, egípcios estão em constante negação do racismo praticado na “África branca”. O mito da democracia racial também foi inculcado por aqui e o assunto sequer é discutido.

Não há coletivo de minorias formado no Cairo que possa dar voz a tais sentimentos de exclusão. Como no Brasil, a academia vai tentar dar outros nomes, como preconceito de classe e exclusão social, enquanto as ONGs que lidam com refugiados, com maioria de *staff* ocidentais brancos, preferem não tocar no assunto sob o argumento de que seria causar mais um transtorno sobre algo que não se pode transformar na sociedade receptora.

11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Letícia Oliveira de Santanna
Área/Instituição
Relações Internacionais – Uni-
versidade Estácio de Sá
Orientador
Charles Gomes
Projeto
Refúgio e Segurança Humana
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Julho de 2015 a julho de 2016

Logo, a má adaptação de refugiados subsaarianos no Egito é perpassada, sim, por problemas econômicos que atingem a sociedade egípcia, mas também atravessa ideais etnocêntricos, haja vista a diferença de tratamento dispensado entre sírios e “africanos”.

O Brasil se encontra geograficamente afastado do continente africano, separado pelo Atlântico e por anos de políticas sutis de embranquecimento. A militância negra nas diásporas americanas ainda luta para que a História de África seja ensinada nas nossas escolas, mas entre muitos dos que a reivindicam, há uma louvação exacerbada a uma ideia de Egito genuinamente negro que talvez nunca tenha existido, vide as paredes de peles coloridas dos sítios arqueológicos no sul do país.

Ao tentar nos reconectarmos em afrocentralidade, geralmente escolhemos o Egito como país do continente com o qual mais vamos nos associar, reproduzindo vocativos de reis e rainhas *kemets* e, sem perceber, ignorando o passado de todo um resto do continente, a parte sul, de onde saem muitos dos refugiados, fugindo de conflitos que coletivamente ignoramos até que algum país europeu comece a reclamar suas conseqüências.



11ª Jornada de Iniciação Científica

Bolsista
Letícia Oliveira de Santanna
Área/Instituição
Relações Internacionais – Uni-
versidade Estácio de Sá
Orientador
Charles Gomes
Projeto
Refúgio e Segurança Humana
Fonte de Financiamento
CNPq
Período
Julho de 2015 a julho de 2016

Referências bibliográficas

FANON, Franz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008. 1. ed. francesa 1952.

GRABSKA, Katarzyna. *Who asked them anyway? Rights, policies and wellbeing of refugees in Egypt*. Cairo: Forced Migration and Refugee Studies, The American University of Cairo, 2006.

HAFEZ, Hend. *The Arab Spring and migration in Egypt, one year on: impacts, perceptions and attitudes*. Cairo: Forced Migration and Refugee Studies, The American University of Cairo, 2012.

MOULIN, Carolina; NYERS, Peter. *We Live in a Country of UNHCR: refugee protests and global political society*. Cairo: McMaster University, 2007.

PETRUS, Joelle. *NGO Outreach to priority refugee population demographics in Cairo*. Cairo: Forced Migration and Refugee Studies, The American University of Cairo, 2011.

UNHCR. *Operational update: Egypt*. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/protection/operations/5548c50f9/egypt-unhcr-operational-update.html>>. Acesso em: 18 jun. 2016.



